ISSN: 2358-8829

QUANDO A VOZ NEGRA TOMA A PALAVRA: UMA LEITURA DA REPRESENTAÇÃO DE *CHUPIM,* DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

Clarice Dantas da Silva [1]
Maria Suely da Costa [2]

INTRODUÇÃO

A literatura, enquanto manifestação cultural, constitui-se como um espaço privilegiado de produção de sentidos, de representação de experiências de construção de diferentes modos de compreender a realidade. Através dos textos literários, o leitor pode ter contato com sujeitos, histórias e perspectivas distintas que ajudam a ampliar a experiência humana e do mundo. Nesse contexto, a literatura negro-brasileira assume a particular relevância de expandir a presença de vozes negras no campo literário, tensionando representações, perspectivas marginalizadas e estereotipadas da população negra, presente em muitos dos textos literários canônicos.

Ribeiro (2019) destaca que a importância de estudar autores negros não reside em uma perspectiva essencialista que determine sua leitura exclusivamente em razão de sua identidade racial, mas na necessidade de questionar a concentração da produção e da formulação do conhecimento nas mãos de um único grupo, sobretudo em uma sociedade majoritariamente negra.

Dessa forma, a presença de personagens negras na literatura não deve ser orientada apenas pela quantidade de obras ou de personagens negros representados, mas também pelos modos como esses sujeitos são construídos, pelos espaços que são legitimados na narrativa e pelas experiências que lhe são conferidas. Além disso, a representatividade literária tanto tem o poder de reproduzir estereótipos quanto tem o poder de oportunizar a construção de outras perspectivas sobre a pessoa negra, contribuindo, assim, para

[1] Mestranda em Letras pelo Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UEPB), Especialista pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) em Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho. claricedantasesilva@gmail.com;
[2] Professora Associada do Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em rede, Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Líder do grupo de pesquisa/CNPq Estudos de Linguagens e Ensino. Suelycosta@servidor.uepb.edu.br;

promoção de discussões sobre relações familiares, relações afetivas, reflexões sobre a identidade e pertencimento.

Portanto, pensar a literatura de autoria negra implica reconhecer que, em um país marcado por práticas racistas como o Brasil, essas produções literárias assumem um papel de efetivar experiências de encantamento, representatividade e valorização das infâncias negras. Mesmo quando inseridas em contextos marcados pela violência e pelo racismo, as crianças precisam ter a oportunidade de se reconhecer positivamente nas narrativas e de desenvolver uma relação de afeto, pertencimento e valorização dos próprios corpos (Cuti, 2010).

É nesse contexto que se insere a obra *Chupim* (2024), de Itamar Vieira Júnior, ao apresentar, por meio da prosa poética e das imagens que a acompanham, experiências de uma infância negra atravessada por desigualdades sociais, relações familiares, trabalho no meio rural, afetos, memória e resistência. A obra, ilustrada por Manuela Navas, articula linguagem verbal e não verbal permitindo ao leitor observar como se constitui na narrativa uma infância negra situada e não apenas idealizada.

No que concerne ao enredo, voltamos nosso olhar para a infância negra que toma a palavra e se desloca de uma posição marcada exclusivamente pela vulnerabilidade, conferindo visibilidade à experiência da personagem Julim. Embora inserida em um contexto de desigualdades sociais, sua trajetória não se reduz às adversidades que atravessam seu cotidiano. Ao contrário, a narrativa abre espaço para uma compreensão singular de suas vivências, evidenciando seu posicionamento diante das condições que lhe são impostas e reafirmando a infância como um direito fundamental, indispensável à constituição de sua subjetividade infantil.

Essa discussão ganha relevância diante da necessidade de ampliar, no espaço escolar, o contato dos estudantes com obras de autoria negra e com representações literárias que valorizem a diversidade das experiências humanas. Tal ampliação torna-se essencial para o reconhecimento da população negra como produtora de saberes, culturas e conhecimentos, sobretudo quando consideramos que, conforme problematiza Ribeiro (2019), o sistema educacional pode atuar como mecanismo de exclusão social e de aniquilação cognitiva da população negra, ao privilegiar uma perspectiva eurocêntrica que invisibiliza ou deslegitima suas contribuições intelectuais e culturais. Nesse sentido, a presença da literatura de autoria negra na escola constitui um caminho para tensionar

essa lógica excludente e promover práticas de leitura comprometidas com a valorização da diversidade étnico-racial.

A partir dessa perspectiva, este artigo tem como objetivo investigar como a narrativa de *Chupim* (2024), de Itamar Vieira Júnior, constrói a infância negra a partir do lugar de memória e resistência, a fim de tensionar discursos hegemônicos a respeito do povo negro. Para tanto, a análise considera elementos da narrativa, especialmente por meio do poder de fala da personagem principal e de suas relações com o espaço e com as outras personagens.

A discussão fundamenta-se em estudos que abordam a literatura de autoria negra, as relações étnico-raciais, a representação da população negra e a infância em sua dimensão social e cultural, mobilizando, entre outros, autores como Cuti (2010), Ribeiro (2019), Gomes (2023) e Arroyo (1994). A análise parte, assim, da compreensão de que a literatura se constitui como uma forte força humanizadora (Candido, 1972) capaz de representar diferentes vozes que favorecem para a diversidade literária. Em *Chupim* (2024), Julim toma a palavra não apenas como objeto de representação, mas como sujeito social que conta a sua própria história, sua experiência e percepções que reafirmam outras formas de existência.

Por conseguinte, a escolha dessa temática justifica-se pelo fato de acreditarmos que a literatura é um dos caminhos possíveis para ampliação de conhecimento dos estudantes, visto que favorece o contato com diferentes realidades, perspectivas e experiências humanas. Nesse sentido, a diversidade literária atua como uma possibilidade de confronto de visões de mundo limitadas, ampliando a capacidade crítica dos leitores e estimulando reflexões sobre as relações sociais e o contexto em que estão inseridos.

Metodologicamente, quanto à abordagem, esta pesquisa se classifica como qualitativa, de natureza bibliográfica e analítico-interpretativa, tendo em vista que "[...] há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números". (Prodanov, 2013, p. 70).

Diante do exposto, entendemos que oportunizar a leitura de obras literárias como *Chupim* contribui para desconstrução de concepções estereotipadas acerca das infâncias negras, frequentemente representadas, na literatura, a partir de perspectivas negativas e limitadoras. Logo, acreditamos que a obra possibilita questionar discursos que, historicamente, invisibilizam, deslegitimam ou distorcem as vivências e experiências da

população negra, abrindo espaço para representações que valorizem a pluralidade dessas infâncias e reconheçam suas singularidades, subjetividades e formas de existir no mundo.

2 INFÂNCIA E REPRESENTAÇÃO NEGRA: BASES PARA LEITURA DE *CHUPIM*

2.1 Concepção de infância e a pluralidade das experiências

Os conceitos desenvolvidos para a infância são construídos socialmente. Sendo assim, nem sempre a infância teve o mesmo significado, visto que ao longo dos séculos ocorreram várias modificações estruturais na sociedade. Segundo Aries (1978), até o século XVII, não eram asseguradas às crianças a socialização e a transmissão de valores e conhecimentos por suas respectivas famílias. Além disso, a duração da infância era empregada indiscriminadamente para se referir, inclusive, a jovens com dezoito anos ou mais.

Todavia, as mudanças históricas nas formas de conceber a criança e a infância foram impulsionadas, sobretudo, pelos avanços dos estudos científicos e pelas discussões em torno dos direitos sociais das crianças, contribuindo para o reconhecimento da infância como uma etapa singular e significativa da vida. Na contemporaneidade, a criança é compreendida como sujeito de direitos, considerando-se as diferentes dimensões que constituem seu desenvolvimento, sejam elas cognitivas, afetivas, sociais e culturais. Nessa perspectiva, reconhece-se que a criança se desenvolve a partir das relações que estabelece consigo mesma, com o outro e com o contexto social e cultural no qual está inserida.

À vista disso, no Brasil, a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990) constituíram importantes marcos nesse processo de reconhecimento das crianças e adolescentes como sujeitos de direitos. Posteriormente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9394/1996) estabeleceu a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, consolidando a responsabilidade educacional do Estado em relação às crianças.

Essa projeção trouxe-nos a ideia de que as experiências vividas pelas crianças desde o nascer devem ser validadas, além disso a criança agora não é mais vista como tábua rasa, pois aprende, interage, sente e se desenvolve com o meio o qual vive. Assim, é

importante assumirmos a concepção de infância contemporânea a fim de que possamos enxergar as crianças como as agentes sociais produtoras de conhecimentos, de arte e de cultura, conforme sugere Arroyo (1994).

Todavia, compreender a criança como um sujeito histórico, social e cultural implica também reconhecer que não existe uma única forma de viver a infância. As experiências infantis são distintas e atravessadas por questões sociais, econômicas, culturais, territoriais e étnico-raciais que caracterizam os diferentes contextos nos quais as crianças estão inseridas.

Nessa perspectiva, Gomes e Araújo (2023) destacam que considerar a infância como uma categoria singular e universal constitui um equívoco, pois esse entendimento pode desconsiderar as diferentes condições que marcam as experiências das crianças. Para as autoras, a infância "é plural e depende da classe social, do gênero, da raça ou do pertencimento étnico-racial de cada criança, em cada contexto social. Nessa perspectiva, há uma multiplicidade de infâncias em que as crianças estão inseridas" (Gomes; Araújo, 2023, p. 11).

Nesse sentido, a construção da identidade negra é uma dimensão crucial para compreendermos as experiências de crianças negras, já que "a raça atravessa e participa da formação das infâncias e, infelizmente, nem sempre como parte do fascinante processo da diversidade humana, mas como peso, como marca de inferioridade" (Gomes; Araújo, 2023, p. 18). No contexto do nosso país, marcado pelo racismo e pelas desigualdades raciais, crianças negras cotidianamente podem vivenciar situações que interferem na construção de sua identidade, autoestima e reconhecimento de sua identidade, uma vez que, na maioria das vezes, as formas como são percebidas e representadas socialmente não contribui para o reconhecimento e a valorização de suas identidades.

Por essa razão, pensar a infância negra significa ultrapassar o conceito universal e abstrato de criança e observar os modos pelos quais cultura, raça, memória e pertencimento atravessam as experiências infantis. Desse modo, a identidade não se configura como processo isolado, mas resulta da interação, reconhecimento e pertencimento construídos coletivamente. Por conseguinte, as representações produzidas e difundidas nos diferentes espações sociais, entre eles a escola e a literatura, podem contribuir tanto para a reprodução de estereótipos quanto para a valorização das identidades negras. Conforme pontuam Gomes e Araújo (2023, p.18), "a educação, de

maneira geral, e a Educação Infantil, em específico, têm um papel relevante neste processo".

Diante disso, é nesse cenário que a literatura assume uma importante relevância para a discussão proposta neste estudo, uma vez que as obras literárias não apenas apresentam diferentes modos de representar a infância, mas também possibilitam ao leitor o contato com experiências, identidades, memórias e distintas perspectivas. Tal compreensão dialoga com Lajolo (2003, p. 44), para quem "a literatura é a porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem".

Desse modo, considerar a literatura como espaço de representação das infâncias nos concede a oportunidade de analisar como determinadas experiências infantis são construídas no texto literário e quais produções de sentidos são produzidos a partir delas, pois "a literatura infantil é um reflexo do status da infância que a sociedade produz" (Zornado *apud* Cardoso, 2023, p. 8).

Em *Chupim* (2024), de Itamar Vieira Júnior, essa discussão assume uma importante relevância ao protagonizar a representação da infância negra situada em um contexto atravessado por relações de trabalho, desigualdades, mas sobretudo, de memória, pertencimento e resistência, a criança negra deixa de ser explicada e passa explicar o mundo. A obra, portanto, se constitui como um espaço privilegiado para reflexão acerca da desobediência epistêmica, perspectiva decolonial que abre espaço para a pluralidade de experiências da infância negra, questão que discutiremos na seção a seguir.

2.2 A voz negra e a construção da experiência infantil em *Chupim*

A obra literária *Chupim* (2024), de Itamar Vieira Júnior, apresenta um enredo construído a partir do olhar de uma criança sobre a experiência da vida no campo. A narrativa acompanha Julim, uma criança negra que deixa de ser apenas objeto de representação para assumir o lugar de sujeito que observa, interpreta e atribui sentidos ao mundo que o cerca. Assim como outras crianças de sua comunidade, Julim auxilia os pais no trabalho da plantação de arroz, desempenhando a função de espantar os pássaros chupins que se alimentavam dos grãos. Diante desse contexto, sua experiência infantil é atravessada pelas condições concretas do trabalho rural, revelando uma infância que se desenvolve entre as responsabilidades do trabalho precoce e as formas próprias de perceber, imaginar e vivenciar o mundo.

É justamente nessa tensão que a narrativa de Itamar Vieira Júnior constrói a representação da infância que se distancia de concepções universalizantes e idealizadas, composta não apenas pelo texto verbal, mas também concretizada através das ilustrações da artista Manuela Navas. Em *Chupim,* a infância não aparece dissociada das condições históricas, sociais e econômicas que constituem a vida da personagem. Julim está inserido desde cedo na dinâmica do trabalho rural e nas relações de exploração que estruturam o espaço em que vive; entretanto, sua experiência não se reduz a essa condição. Ao preservar desejos, sonhos, imaginação e formas próprias de perceber o mundo, a personagem reafirma sua condição de criança e evidencia que a infância também se constitui na capacidade de atribuir sentidos às experiências vivenciadas.

Na obra em estudo, em contraposição a representações que situam a infância em uma esfera de inocência dissociada das contradições e desigualdades sociais, emerge a perspectiva de Julim, personagem que, por meio de sua experiência, reafirma o direito de ser criança. Embora esteja precocemente inserido na dura materialidade do trabalho rural e submetido à lógica de exploração do latifúndio, o menino preserva sua capacidade de imaginar, desejar e interpretar o mundo, resistindo à redução de sua existência à condição de força de trabalho. Essa condição pode ser observada a partir do trecho:

> As crianças corriam pelo arrozal com caniços e galhos secos. Quem os visse rindo e gritando, diria que era mais uma brincadeira. Mas a aparência de diversão se desfazia quando o pai falava: “Meninos, meninos, não deixem o chupim levar o arroz, meninos”. **“Então a praga é o chupim? Mas que mal pode fazer um passarinho?”**, pensou Julim. Ele balançava o seu galho bem devagarinho para não os assustar (Vieira, 2024, p. 12, grifo nosso).

Essa construção literária evidencia uma tensão entre a condição de trabalho e experiência infantil. Inicialmente, a cena é apresentada pelo narrador como uma brincadeira, contudo, essa ludicidade é interrompida pela fala do pai, que explicita a finalidade da atividade, proteger a plantação dos chupins. Por conseguinte, é neste cenário que Julim tem sua perspectiva valorizada, pois na sua compreensão um passarinho não faria mal aos adultos e as plantas. Desse modo, percebemos que a atitude da personagem não é determinada pelos adultos, Julim tem sua própria forma de agir, a narrativa acolhe seus pensamentos e sua maneira de interpretar o mundo.

A ilustração de Manuela Navas, na página 15, permite-nos ampliar a possibilidade de leitura ao apresentar a criança e o chupim frente a frente em uma composição marcada pela presença da vegetação. Vejamos como essa disposição visual sugere uma

aproximação entre a criança e o pássaro, fortalecendo a interpretação que está orientada pelo questionamento do menino sobre o mal que um passarinho poderia causar:

Figura 1: *Julim e o chupim no arrozal*



Fonte: Vieira Júnior (2024, p. 15). Ilustração de Manuela Navas.

O corpo da personagem ocupa a parte direita da imagem, com rosto voltado para a ave, situada à esquerda. Entre ambos, a vegetação (folhas e os grãos de arroz), constituindo o espaço compartilhado na cena. A composição visual convida o leitor a deter-se no encontro do menino e da ave; enquanto a ordem do pai para que o filho espante os pássaros da plantação apresenta a ave como um inimigo, uma ameaça ao cultivo, a ilustração nos permite compreendê-la como um elemento de atenção de Julim.

É perceptível que pela orientação sugerida na imagem do rosto da criança em direção ao pássaro há o gesto de encantamento, o menino não se afugenta, mas se sensibiliza com o que vê. Tal interpretação se torna possível a partir da pausa da criança para observar o animal, cuja presença parece despertar um interesse que ultrapassa a função de proteger o arrozal. Dessa forma, a imagem abre espaço para uma leitura compreensiva, marcada pela contemplação e pelo encontro, um tensionamento com a tarefa outrora imposta pelo pai ao menino.

Nesse sentido, a ilustração apresenta uma construção da subjetividade de Julim, pois sua presença no arrozal adquire o sentido não só de cumprir a ordem do pai e proteger os grãos, mas abre espaço para sua contemplação à ave, demonstrando que sua observação atenta representa também sua maneira de se relacionar com o mundo. A articulação entre palavra e imagem contribui, assim, para favorecer a infância negra em sua essência,

ISSN: 2358-8829

reconhecendo, em meio às condições de trabalho, a natureza de uma criança capaz de contemplar e atribuir sentidos próprios ao que vivencia.

Em meio às tensões entre as exigências do trabalho e a experiência infantil, a narrativa não apresenta Julim apenas como aquele sobre quem se fala, mas como sujeito que olha, percebe e atribui significados à própria experiência. Essa perspectiva se evidencia em seu pensamento: "Então a praga é o chupim? Mas que mal pode fazer um passarinho?" (Vieira, 2024, p. 12). Ao questionar a caracterização do pássaro como praga e balançar o galho devagar para não o assustar, o menino revela uma sensibilidade que tensiona a tarefa que lhe é imposta. Logo, mesmo submetido às exigências do trabalho, preserva a capacidade de interpretar e agir segundo sua própria compreensão do mundo.

Essa interpretação é notada a partir do trecho: "Mas o menino não se convencia de que era preciso espantá-los. Ele fingia agitar as hastes do arrozal" (Vieira, 2024, p. 16). Sua participação na proteção do arrozal, ao receber do pai a tarefa de espantar os chupins pode ser compreendida como uma forma discreta de resistência à ordem recebida, visto que o menino encontra uma maneira própria de lidar com a imposição dada. Não podemos dizer que a personagem confrontava seu pai, mas subjetivamente há a expressão do seu pensamento, da sua voz.

A identidade de Julim não se constitui de maneira isolada ou previamente determinada, mas se constrói nas relações sociais, históricas e culturais que atravessam sua experiência como criança negra no espaço rural. Essas relações participam de sua maneira de perceber a si mesmo e de se relacionar com os outros, sem eliminar sua capacidade de interpretar o que vivencia. Ao fingir espantar os pássaros, o menino aparenta cumprir a ordem paterna, mas demonstra não estar convencido da necessidade de afastá-los do arrozal. Sua atitude sugere uma resistência discreta à determinação do pai e revela uma percepção própria sobre as aves, cuja presença desperta seu interesse para além da ameaça à plantação.

Essa perspectiva dialoga com Gomes (2002), para quem a identidade negra constitui-se como uma construção social, histórica e cultural marcada por conflitos e diálogos, envolvendo a elaboração do olhar de um grupo étnico-racial sobre si mesmo a partir da relação com o outro:

> [...] a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do

> outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpreta a nossa própria identidade (Gomes, 2002, p. 39).

A reflexão de Gomes (2002) permite compreender que a identidade de Julim não pode ser dissociada das relações que atravessam sua experiência cotidiana. O menino constitui sua percepção de si em meio às relações familiares, ao trabalho, à comunidade e à estrutura social que organiza o espaço rural em que vive. Assim, a presença de uma criança negra no centro da narrativa não se limita à representação de sua condição racial, mas possibilita acompanhar a constituição de um sujeito que experimenta, interpreta e ressignifica o mundo a partir de seu lugar social e histórico.

Nesse viés, a "voz negra" toma a palavra, porque não diz respeito apenas à presença de uma personagem negra na narrativa, mas à construção de uma perspectiva a partir da qual essa personagem pode ser percebida em sua complexidade. O protagonista da história não é representado somente pela condição de criança negra e trabalhadora rural; ele é também sujeito de desejos, sonhos, afetos e percepções. A narrativa, desse modo, tensiona representações que reduzem a infância negra à vulnerabilidade e possibilita reconhecê-la também como espaço de subjetividade, imaginação e resistência.

Isto posto, fica evidente que a construção da experiência infantil em *Chupim* ocorre entre aquilo que é socialmente imposto à personagem e aquilo que permanece como possibilidade de existência e subjetivação. Embora a infância de Julim seja marcada pela desigualdade social e pelo trabalho que atravessa seu cotidiano, a narrativa não reduz a experiência negra às condições de vulnerabilidade ou às marcas da exploração. Ao contrário, constrói a experiência infantil negra em sua singularidade, evidenciando a criança como sujeito de desejos, percepções, afetos e formas próprias de compreender e significar o mundo que a cerca.

Por fim, a analogia entre a criança e o pássaro, na qual a lógica latifundiária enxerga o chupim como uma praga, enquanto a criança o compreende a partir da alteridade, questionando os males que um passarinho poderia causar, preserva a ludicidade e a empatia que subvertem a lógica utilitarista do trabalho rural. É nessa recusa em admitir a dureza do mundo que a voz negra infantil se afirma em toda a sua potência e sabedoria, delineando uma infância que, embora tenha seus direitos cerceados, não perde a sensibilidade nem o direito à imaginação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscamos discutir como a infância negra é retratada na obra literária *Chupim,* de Itamar Vieira Júnior (2024), a partir de uma breve análise de sua narrativa, que se configura como uma prosa poética e dá voz a uma criança negra que deixa de ser apenas explicada e passa a assumir o lugar de sujeito que interpreta e explica o próprio mundo. Ademais, apresentamos uma discussão sobre as percepções de infância e abordamos a importância da inserção de textos que retratem a infância negra de modo positivo no contexto escolar.

A narrativa em questão amplia as possibilidades de representação das infâncias negras e oferece elementos para questionar perspectivas que durante vários séculos silenciaram ou deslegitimaram essas experiências. Essa leitura nos permite reconhecer que desigualdade, pertencimento racial e a própria lida no campo são elementos construtivos da personagem, mas não esgotam suas possibilidades de existência, já que a força dessa representatividade confere densidade à criança negra e acolhe suas contradições, seu modo de produzir sentidos.

Do ponto de vista do ensino, no contexto escolar, a obra literária *Chupim* (2024) muito pode favorecer para as práticas de leitura que articulem a apreciação estética à reflexão acerca das relações étnico-raciais, levando em consideração a construção da personagem, a perspectiva da narrativa e as situações nela representadas. Tendo por foco uma educação para a diversidade, reafirmamos a importância da ampliação da literatura de autoria negra na escola, a fim de que seja assegurado espaços para narrativas nas quais crianças negras sejam reconhecidas em sua dimensão plural e em sua capacidade de interpretar o mundo.

REFERÊNCIAS

ARIES, Philippe**. História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro. LTC, 1978.

ARROYO, Miguel Gonzalez. O significado da infância. In: **SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL**., 1., 1994. Anais... Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994. p 88-92.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem.** Ciência e Cultura, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

CARDOSO, Elizabeth. Apresentação. In: NIKOLAJEVA, Maria. **Poder, voz e subjetividade na literatura infantil.** Tradução: Camila Werner. São Paulo: Perspectiva, 2023. p. 9-15.

CUTI. **Literatura negro-brasileira.** São Paulo. Selo Negro Edições, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra.** In: Aletria – Revista de estudos de literatura. Alteridades em questão. Belo Horizonte, POSLIT/CEL, Faculdade de Letras da UFMG, v.6, n.9, dez/2002, p. 38-47.

GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de. **Infâncias negras:** vivências e lutas por uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil.** 3ª ed. 2ª Impressão. São Paulo: Ática, 2003. p. 08-57.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Chupim.** ilustrações de: Manuela Navas. São Paulo: Baião, 2024.